

O problema das melgas na igreja começava a ficar completamente descontrolado. A culpa era da Sra. Winkle, fora ela quem trouxera as melgas e isso era imperdoável, não aos olhos de Deus, mas aos do padre Andrew, que não conseguia exterminar as melgazzz, não por falta de tentativas — experimentara tudo o que era armadilhas, *sprays* e raquetes elétricas à venda no mercado. Todavia, os seus esforços pouco interferiram na população de insetos. Aliás, estava inclusivamente a aumentar. O padre Andrew temia que em breve as melgas atraíssem uma praga maior — aranhas comedoras de melgas, talvez —, que por sua vez atraíssem, por exemplo, rãs, que atraíssem ratazanas, que atraíssem gatos, que atraíssem coiotes, que atraíssem um mamífero de grande porte comedor de coiotes, e assim por diante. A culpa era da Sra. Winkle porque fora a Sra. Winkle quem trouxera a planta para a igreja, «Como fez Deus ao terceiro dia!». A Sra. Winkle comparecia a todas as atividades da igreja acompanhada da filha com danos cerebrais, que usava um desses auscultadores com cancelamento de ruído que se usam nas carreiras de tiro — o som dos órgãos sobressaltava-a — e, de vez em quando, trazia plantas do viveiro onde fazia voluntariado a cuidar das orquídeas. Obviamente, não fizera ideia de que a planta trouxesse ovos de mosquito-dos-fungos dentro do vaso, «mas para quê sequer trazer uma planta para uma igreja?», pensou o padre Andrew. Aquilo não era um jardim botânico. E ainda para mais uma monstera, que significava «monstro» em latim, calculou o padre Andrew, embora não tivesse a certeza, pois no seminário não estudara Latim, tendo-se especializado antes

em Cinema Francês. A planta estava no topo da sua lista de Motivos para Antipatizar com a Sra. Winkle. Também na lista estava o facto de ela nunca ter contribuído para a angariação de fundozzz trimestral que visava a reparação dos sinos da igreja, embora se queixasse trimestralmente da falta de sinos na igreja. Além de que tinha a mania de exclamar «Digo o mesmo!» quando, na verdade, não tinha dito absolutamente nada. Tanto quanto ele se lembrasse, ela nunca oferecera um ponto de vista original ou acrescentara algo de valor a uma conversa. Limitava-se a apanhar boleia do contributo alheio com um «Digo o mesmo!», o que era dissimulado e desagradável, e muito provavelmente indicador de um defeito de personalidade ainda maior, talvez até uma maldade intrínseca já do tempo da antepassada comedora de maçãs da Sra. Winkle, ou pelo menos foi isso que o padre Andrew disse ao terapeuta mandatado pelo Estado. Depois daquele incidente de mau gosto, há uns tempos, entre os padres e os meninos do coro, a Paróquia Nossa Senhora da Aflição fez umas alterações estruturais no seu calendário de atividades, como, por exemplo, *workshops* semanais de Consentimento através de Cristo, um supervisor de intimidade presente em cada confessorário e sessões de psicanálise obrigatórias para os presbíteros, com o novo psiquiatra da paróquia. O psiquiatra da paróquia costumava atribuir a «misoginia latente» do padre Andrew em relação à Sra. Winkle a um seu «desejo sexual reprimido», um diagnóstico do qual o padre Andrew discordava com veemência. Ele não reprimia coisa nenhuma, estivera com uma série de mulheres — trinta e três, para ser exato, uma por cada ano de vida de Jesus — antes de entrar para o seminário. Além do mais, duvidava muito que os seus desejos masculinos se manifestassem a favor da Sra. Winkle, em quem, às vezes, o padre Andrew pensava para *afastar* da mente quaisquer impulsos profanos.

Nesse dia, o primeiro de abril, o pico seco da estação chuvosa, o padre Andrew preparava-se para ir a uma sessão de *cinéma français* no Cinema Vintage quando a filha mais nova dos Flynns, Harper, lhe bateu à porta do gabinete. Não aparecia na igreja desde que os pais tinham dado início a um casamento aberto. O padre Andrew considerava-se um clérigo progressista, mas esse «acordo» conjugal dos Flynns não parecia nem exploratório no sentido dos vibrantes anos

1960, nem justificado no contexto liberal do poli-coiso-e-tal do *new age*, mas antes uma maneira criativa de cada cônjuge infligir dor ao outro e às três filhas do casal. Harper devia ter agora uns doze anos, pensou ele, talvez treze.

Ela entrou discretamente no gabinete. A janela de vitral projetou as cores do arco-íris no seu pequeno rosto. Nas minúsculas sardas. No nariz ligeiramente empinado. No cabelo preso com duas tranças francesas, castanho e denso como um genuflexório. Qual cavalo muito bem estimado. As três raparigas Flynnns, Abigail, Louise e Harper, tinham deixado de vir à missa. Não apareciam para o serviço religioso de domingo e baldavam-se frequentemente às aulas de Religião à quarta-feira. Apresentavam justificações falsas da enfermeira do Colégio Filhas Sagradas para suas ausências: dor de dentes, problemas do foro feminino, torcicolo, mal-estar intestinal devido à ingestão de leite azedo. Tinham faltado à representação comunitária da Arca de Noé e foram posteriormente vistas no parque de estacionamento, um leão, uma raposa e um ouriço, a partilhar um cigarro. Nesse ano não se tinham voluntariado para a campanha de inverno de recolha de alimentos, a caminhada dos Cristãos pela Cura, a corrida a três pernas em prol dos cães com três patas, o Abocanhar a Maçã pelo Autismo ou o Tricô pela Narcolepsia. Não havia nenhuma desculpa para a fraca assiduidade, tendo em conta que a igreja passara a disponibilizar textos devocionais em formato digital. O padre Andrew era um clérigo respeitado pela sua capacidade de adaptação à era digital e pela sua polivalência no que dizia respeito à missa. Todos os locais de culto da cidade se tinham adaptado aos novos tempos — o rabino Hoffman tinha inclusivamente implementando um serviço móvel de Brit Milá: Dá a Pele ao Mohel. Porém, as raparigas Flynnns, ou melhor, toda a família tinha desaparecido do mapa. Veio à mente do padre Andrew que elas gostavam de participar no Abocanhar a Maçã pelo Autismo, pelo que era uma pena.

— Senta-te, Harper.

O padre Andrew fez sinal para a cadeira vazia à sua frente. Apesar de, em termos bíblicos, não haver coincidências, a verdade era que a longa ausência da família já tinha sido interrompida pelo pai delas, Bud Flynnn, que ainda há dias lhe batera à porta e se sentara nessa mesma cadeira.

— Sente-se, Bud — dissera-lhe o padre Andrew.

— Senhor padre, se por acaso uma pessoa minha amiga quisesse, digamos que, pôr fim aos seus dias aqui na Terra, como é que isso se processaria, em termos espirituais?

— Como é que se processaria?

— Exato, tipo, a pessoa iria para o inferno... definitivamente?

— Bem, o suicídio é um pecado mortal. Só Deus decide quando é que chega a nossa hora. Negar-Lhe isso é heresia...

— E tem a certeza de que não escapa nada? É tudo rigorosamente controlado?

— Como a segurança num aeroporto.

— Hum, heresia, diz o senhor padre?

O padre Andrew assentiu estoicamente.

— Isso é um bocado sério — comentou Bud.

— Talvez essa *pessoa sua amiga* queira explorar um pouco mais esse impulso?

— Pois, talvez.

OuvIU-se um grasnido agudo proveniente de um casal de papagaios selvagens. As aves tinham fugido há uns anos de um abastado colecionador de animais de estimação exóticos e feito ninho nas vigas do telhado da igreja. O padre Andrew tivera esperança de que os papagaios comessem a comer as melgas, uma **zzz**oluição natural para o seu problema, mas eles pareciam preferir procurar frutos secos cujas cascas depois largavam no altar, em jeito de oferenda.

— Obrigado, senhor padre.

Bud Flynn saiu à pressa do gabinete, deixando uma nota de cinco dólares e um cartão de pontos da Mango Rooney no cesto da coleta. Faltava um só carimbo para ter direito a um batido à borla. Agora, Harper ocupava a mesma cadeira, as mãos cruzadas no colo. A amarrotada camisa com botões na gola assentava-lhe lisa sobre o peito, um corpo que ainda não tinha iniciado a transição de menina para mulher. É claro que o padre Andrew não estava a pensar na transição de menina para mulher do corpo de Harper, pois isso seria errado e decerto implicaria mais visitas ao psiquiatra da paróquia.

— *Perdoe-mesenhorpadreporquepequei* — disse Harper Flynn.

— Queres confessar alguma coisa, Harper?

— Sim. Infringi o nono mandamento.

— Levantaste falsos testemunhos?

— Sim — respondeu ela. — Aliás, estou sempre a mentir. Todos os dias, várias vezes ao dia. Sempre que posso e sobre coisas parvas, tipo, se o meu pai pergunta o que almoçámos no colégio, respondo que foi salada com massa e fruta, quando comemos *nuggets* e tiras de aipo.

— Talvez devêssemos analisar o motivo dessa tua compulsão para inventar histórias.

— Sou uma pessoa criativa.

— Aprofundemo-lo um pouco mais: como estão as coisas em casa?

— Acho que o meu pai anda a tentar suicidar-se.

— O que te leva a dizer isso?

— No computador lá de casa pesquisou «quais as formas menos dolorosas de suicídio».

— Gostava que tu e as tuas irmãs voltassem à missa. Ficamos mais suscetíveis a pensamentos obscuros quando passamos por provas.

— Abrimos os olhos.

— Creio que a ideia de fundo continua a fazer sentido.

Harper gostava de ser tratada como uma adulta. O padre Andrew quase lhe via a mente às voltas. Sentia uma certa ternura por essa pequena católica tresmalhada.

— Mas espere, ainda não acabei de me confessar. — Harper tirou um cigarro eletrónico cor-de-rosa de dentro da camisola de malha e deu uma passa. Este emitiu um estalido gratificante. — Tenho andado a roubar Trizoletin da farmácia do senhor Friedman e a vendê-lo na escola. Às vezes, ateo pequenas fogueiras atrás da lavandaria. Fui eu que inventei a alcunha para o padre Hayworth, padre Gayworth, e agora já ninguém lha tira. Enviei um vídeo de pornografia nórdica a todos os contactos no *e-mail* de trabalho do meu pai; é um género muito específico, só peles de animais por toda a parte. No caminho para cá, espetei um canivete no pneu da carrinha da igreja parada no estacionamento. Tenho andado a aprender latim para gozar com o grupo pentecostal da minha escola e a queimar as mãos com uma lupa e a dizer que são estigmas. Acumulei uma dívida valente a comprar coisas em *sites* coreanos de venda por atacado com o cartão de crédito da minha mãe. Roubei umas ratoeiras no minimercado. Ainda nem sei bem o que vou fazer com elas. A semana passada, sal-